

O critério de verdade no diálogo do contra acadêmicos de Agostinho: uma Hermenêutica das refutações de Agostinho ao ceticismo acadêmico

*The criterion of truth in the dialogue of Augustine's
counteractors: a Hermeneutics of Augustine's refutations to
academic skepticism*

Lion Granier Alves¹

Resumo: A proposta do artigo procura discorrer sobre a problemática dos critérios de verdade no diálogo do *Contra os Acadêmicos* de Agostinho de Hipona (354-430). Através da análise dos textos da obra, será proposta a reflexão a partir da indagação: pode o homem alcançar a felicidade e sabedoria enquanto peregrina a procura da verdade? Será analisada a proposta do ceticismo acadêmico, a partir das escolas helenísticas, a saber: Acadêmica e Estóia, a partir do proposta das duas escolas, será apresentado um panorama introdutório dos conceitos e fundamentos que os movimentos filosóficos apresentam sobre os critérios de verdade. Nesta busca, Agostinho compreende que o homem necessita conhecer a si mesmo e buscar a Deus para alcançar a verdade. Com o tema verdade, o filósofo ratifica que o homem necessita ter em si algo eterno, portanto conhecer ao Deus que habita em seu interior.

Palavra-chave: Agostinho, Hermenêutica, ceticismo, apologética.

Abstract: The article proposes to discuss the problematic of the criteria of truth in the Dialogue of the Academicians of Augustine of Hippo (354-430). Through the analysis of the texts of the work, the reflection will be proposed from the question: can man attain happiness and wisdom as he pilgrims the

Artigo recebido em: 19 jun. 2016

Aprovado em: 24 mai. 2018

¹ Especialista a em Ensino Religioso pela UNIVES, Bacharel em Teologia pela UNIDA.

search for truth? We will analyze the proposal of academic skepticism, starting with the Hellenistic schools, namely: Academic and Estóia, from the proposal of the two schools, will present an introductory panorama of the concepts and foundations that philosophical movements present on the criteria of truth. In this search, Augustine understands that man needs to know himself and seek God to reach the truth. With the theme of truth, the philosopher ratifies that man needs to have something eternal in him, therefore to know the God who dwells within him.

Keyword: Augustine, Hermeneutics, skepticism, apologetics.

Introdução

O problema da Verdade na filosofia antiga esta presentes em grande parte dos escritos produzidos naquele período. Neste contexto, apresente pesquisa busca evidenciar a importância da crítica de Agostinho de Hipona (354-430) a Acadêmica e a filosofia produzida no contexto do helenismo, em conjunto com a História, foi realizado uma análise dos o critério de verdade na filosofia dos estóicos e dos acadêmicos. Tendo como proposta uma maior clareza na compreensão dos critérios de Verdade, foi feito uma hermenêutica a partir dos escritos de Agostinho sobre a verdade enquanto verossimilhança e veracidade. Foi menciona o lugar que têm a verdade nos escritos estóicos e acadêmicos, na qualidade de elementos da manifestação dos critérios de verdade. Buscou-se, nesse aspecto, reportar-se aos escritos de Zenão, Pirro, Plotino e Platão para esclarecer as críticas de Agostinho. Com base em vestígios históricos e filosóficos foi realizado uma tentativa de compreender a influencia dos contextos históricos na filosofia produzida naquele período. A partir desses vestígios, verificar-se-á as especificidades dos critérios de verdade em cada escola filosófica analisada. A pesquisa servirá de base para aprofundamentos futuros nos estudos sobre Teoria do Conhecimento, a partir de uma abordagem historiográfica e filosófica foi proposto no âmagão desde artigo a tentativa de resolver ou compreender a pergunta “O que é a verdade?, como o homem pode alcançá-la? É possível encontra - lá? O que é a felicidade? Como viver uma vida feliz?

1. O surgimento da filosofia dos cristãos no contexto do helenismo

As linhas iniciais deste artigo, tem como finalidade apresentar as contribuições do Império Macedônio e o surgimento da filosofia

dos cristãos, em um cenário sócio-político delicado. Neste contexto a filosofia helenística se consolida com diversas escolas que a posteriori influenciarão o platonismo latino de Agostinho de Hipona e a filosofia medieval. .

1.1 As contribuições do império macedônico e a produção filosófica no helenismo

A nomenclatura erudita “*Hellenismus*” surge na no século XIX a partir da historiografia do pesquisador alemão Johann Gustav Droysen² (1808-1884), em suas obras *Alexandre: o grande*³ e *História do Helenismo*, publicadas em 1833 e 1836 respectivamente. O autor caracteriza o contato da cultura grega em toda a região do Mar Mediterrâneo Oriental e do Oriente Próximo⁴ a partir da conflagração de Alexandre Magno (+ - 332 a.C. – 323 a.C) com o intuito de expandir os domínios deixados por seu pai, Filipe II da Macedônia (+ - 382 a.C. – 332 a.C).

O império alexandrino proporcionou profundas transformações na cultura local através da disseminação da hegemonia dos valores socioculturais gregos tais como lingüísticos, econômicos e religiosos⁵. A língua grega popularizava – se à medida que Alexandre expandia seu império através da subserviência de outros reis e imperadores. Dessa forma, conforme essa expansão, o *koiné* tornava-se o primeiro dialeto comum supra-regional da Grécia servindo como língua franca no Mediterrâneo Oriental e no antigo Oriente Próximo.

²Droysen nasceu em Treptow, Pomerânia Ocidental (atual Meklenburg-Vorpommre) em 6 de julho de 1808 e morreu nos arredores de Berlim na manhã de 19 de julho de 1884. Foi filólogo, tradutor, historiador e teórico da história formando-se na Universidade de Berlim em meados de 1830 em filologia e filosofia, sendo inclusive aluno de Hegel, cujo pensamento acabou-o marcando para sempre. .Em 1833 lançou seu trabalho de pesquisa sobre Alexandre o Grande intitulado como *História Geral do helenismo* (em três volumes) cunhando assim o conceito de helenismo e analisa de forma inovadora a transição da Grécia Clássica para o Cristianismo Primitivo, do qual acaba sendo retratado como um momento de renovação.

³ Há publicações dessa obra em português. DROYSEN, Johann Gustav. *Alexandre o Grande*. Tradução: Trad. Regina Schöpke; Mauro Baladi. Editora: Contraponto, 2010

⁴ Atualmente, região corresponde a da Ásia próxima ao Mar Mediterrâneo como Turquia, a oeste do rio Eufrates, incluindo: Síria, Líbano, Israel, Palestina e Iraque.

⁵ MARCONDES, Danilo. *Iniciação a Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 8.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Alejandro convocó a los generales, a los comandantes de caballería y a los jefes aliados y les exhortó a que se comportasen con valor, confiados en el éxito de las situaciones de peligro ya vividas, y por el hecho de que el próximo iba a ser un combate entre ellos, ya antes vencedores, contra quienes ya habían sido derrotados, y que, además, la divinidad combatía con ellos como su mejor aliado y estrategia, ya que había inducido a Darío a encerrar sus tropas en los lugares más angostos, en vez de dejarlas en los de mayor amplitud, espacio aquel que, aunque también era muy justo para poder desplegar la falange macedonia, no ofrecía provecho alguno ejército persa que, por otra parte, no era en nada equiparable a sus tropas, ni en vigor ni en decisión en el transcurso de una batalla⁶.

A moeda grega assim como o *koiné* passa a ser adotado em todo o império, suscitando uma das primeiras importantes experiências de unificação econômica. A supremacia alexandrina foi breve. Após sua morte (323 a.C.), não houveram sucessores legítimos ao trono, logo seus generais como Ptolomeu no Egito e Seleuco na Síria e Mesopotâmia assumiram a posição de líderes. Independente da curta duração, a cultura grega subsistiu à ação do tempo em toda a região da Mesopotâmia ao Egito, Síria e Palestina passando pela Ásia Menor.

Nesse cenário sócio-político, a filosofia se desenvolve com o surgimento de diversas escolas⁷ de raciocínio filosófico helenístico. Por volta de 312-311 a.C. adentrou as terras atenienses o mancebo Zênon de Cicio⁸ Filho de comerciante Zênon logo foi atraído pela

⁶ O texto supracitado refere-se ao discurso de Alexandre Magno, o enunciado ocorre antes da batalha entre Persas e Macedônios. Ao avistar o exército, o imperador pronunciou as palavras citadas. O texto é de um relato indireto, foi retirado da obra: ARRIANO. Trad. de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982, p.209-2010.

⁷ Em se tratando de uma introdução, lançaremos luz a apenas duas escolas do período helênico: o médio-estoicismo e Ceticismo Antigo. Mais adiante serão discutidos alguns dos conceitos centrais pertinentes a este trabalho, a saber, os critérios de verdade.

⁸REALE, Giovanni. *Estoicismo, Ceticismo e Ecletismo: História da Filosofia Grega e Romana*. vol.6. Tradução de Marcelo Perine, São Paulo: Loyola. 2011.

obras de Sócrates e uma das razões de sua partida para Atenas⁹ era justamente aprofundar-se em seus estudos, no entanto, Zênon teve contato com as escolas Cínica, criticou o epicurismo mas absorveu substratos desta mesma escola filosófica, tais como o materialismo e a corporeidade¹⁰

Em decorrência do contato com o socratismo e cinismo, surge no final do século IV o Estoicismo¹¹, um movimento filosófico nascido em Atenas. A escola é conhecida por seu local de concentração para os estudos filosóficos, Zênon não optou pelo *Stoa Poikile* ou chamado Pórtico e sim por que era o único espaço disponível em Atenas para as reuniões com seus discípulos (Ariston de Quios e Cleanto de Assos) e por se tratar de um espaço público do qual qualquer pessoa poderia utilizar.

Zênon desacolheu a metafísica e qualquer raciocínio que o leva-se a transcendência. Levando-se em conta que o pensamento estóico creditava na filosofia o ofício do bem viver, discriminou-a em três segmentos; a lógica, física e a ética. Os estóicos contemplavam a filosofia e enxergavam-na como um horto, e ao redor do horto estava a lógica, sendo útil em defender o que adentra ao recinto. A física é evidenciada através das árvores que é o arcabouço da filosofia, o pomo é a ética que é o objetivo da existência do horto.

O advento do ceticismo filosófico dar-se adjacente aos principais filósofos ou doutrinas filosóficas da antiguidade clássica. Coexistente a ascensão do estoicismo de Zênon, emerge na Grécia Pírron de Élide, tendo uma influência fundamental na história do ceticismo. Pírron teria nascido entre 365 e 275 a.C, semelhantemente a Sócrates não registrou suas ideias deixou essa tarefa posteriormente para seus discípulos. Das narrativas acerca da vida de Pírron, certamente um dos mais importantes são as de

⁹ Para melhor aprofundamento, há uma publicação em inglês publicada em 2003 sob título; *The Cambridge Companion to the Stoics* sob organização e edição de Brad Inwood pela Universidade de Cambridge, Inglaterra.

¹⁰ No caso de Deus em Zênon, o filósofo acreditava em sua existência desde que ele assumisse uma forma corpórea em sua manifestação. Dessa forma, refutava a transcendência divina e acreditava piamente no mundo sensível ao qual as manifestações de Deus seriam corpóreas e imanentes.

¹¹ DIOGÈNE LAËRCE, *Vies et opinions des philosophes*, VII, 5-6 (Les stoïciens, p. 19). No mesmo sentido: “Fundada por Zenão de Chipre, a escola deve o seu nome à circunstância de os Zenonianos costumarem reunir-se na *Stoa poikile* ou Pórtico com Pinturas, da ágora de Atenas” (PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. 7. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983, p. 529).

Diógenes Laércio, o pesquisador expõe¹² Pírron como um pensador consideravelmente consagrado a suas conjecturas filosóficas, transformando-o em incomum.

O pirronismo deixou seguidores, e o mais conhecido entre eles foi Tímon que teria vivido entre 315 e 225 a.C. Sendo um celebre autor de poemas satíricos e admirador da leitura, Tímon, diferentemente de Pírron, expôs suas ideias não apenas pelas cidades através da oratória, escreveu para que seu pensamento perpetuasse. A continuidade da escola após Tímon é duvidosa até Sexto Empírico, é provável que a linhagem sucessória tenha fragmentando-se, e tendo uma nova acessão em Enesidemo. Ao descrever Pírron, Laércio apresenta-o como um homem com o coração tranqüilo, dotado de harmonia. Diz Tímon: “Meu coração deseja saber de ti, Pírron, como tu, sendo apenas homem, consegue com tanta facilidade levar a vida tranqüilamente, tu, o único guia os homens, como um deus”¹³.

O pensamento cético é nomeado “Zetética” em razão da sua atitude de averiguar e interpelar; ou suspensiva, em conseqüência da condição produzida noutro que investiga, após a sua sindicância; e debutativa, em virtude da incerteza e perseguição à informação¹⁴. O estímulo fundamental que conduz ao ceticismo é sua finalidade de atingir a ataraxia, a perturbação cotidiana oriunda das dúvidas sobre qual alternativa adotar, conduzindo homens e mulheres a via da perturbação interior. Em conseqüências desses conflitos optam em procurar a tranqüilidade da alma para se desfazerem das perturbações.

Posterior a ascensão do ceticismo com Pírron e Tímon e contemporâneo a Sexto Empírico surge o movimento filosófico denominado pela filosofia moderna de Neoplatonismo¹⁵, tendo sua

¹² LAÉRCIO, L. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: UnB, 1988.

¹³ *Ibid.*, p. 269.

¹⁴ EMPÍRICO, Sexto. *Hipotiposes Pirrônicas*, Livro I, Tradução de Danilo Marcondes, Revista: O que nos faz pensar, Página 117, nº 12, 1997.

¹⁵ –[...] a historiografia filosófica distingue três modos de recepção e transformação do platonismo sob os termos platonismo’, médio-platonismo’ e neoplatonismo’. Sob o nome platonismo’ tem-se em vista indicar a filosofia de Platão e da sua escola, isto é, os filósofos que se situam entre o século IV e a primeira metade do século I a.C. O médio-platonismo’ é a forma de platonismo que nasce depois da morte de Antíoco de Ascalon

(filosofia acadêmico-eclética do século I. a.C.) e que se desenvolve até os inícios do século III d.C. [...] O neoplatonismo’ é o repensamento do platonismo, iniciado nos primeiros anos do século III d.C., na escola de

origem por volta século III d.C. na Alexandria Egípcia com o filósofo Ammonius Saccas. Sua proposta inicial era a união de todas as religiões em um todo religioso e harmonioso – a Teosofia com base nos escritos de Platão e Pitágoras de Samos. No entanto, o Neoplatonismo por Ammonius Saccas não foi bem difundido, porém dois de seus discípulos diretos Orígenes e Plotino consolidaram a filosofia neoplatônica do qual hoje conhecemos.

Plotino discordou do foco de Ammonius¹⁶ quando este propôs a união harmoniosa de todas as religiões e certamente sob influências do pitagorismo e platonismo concomitante aos ensinamentos de Ammonius, Plotino assimilou as releituras Amônicas de Platão defendendo e desenvolvendo os princípios fundamentais do dogmatismo platônico. Ademais, Plotino encerrou o ciclo de ecletismo filosófico e religioso dominante neste período e criticou o conceito de “Uno” em Platão que sobrepuja o “Bem” ao Ser em dignidade e poder, colocou seu princípio supremo acima do paradigma ideal de Ser, inclusive superando o Intelecto como espírito divino em resposta à ideia de Deus sob o ponto de vista da metafísica aristotélica.¹⁷

Rejeita a ideia de Platão no diálogo “Timeu” acerca do deus-demiurgo ideias e matérias opondo-se a um possível misticismo e distanciamento de deus e metafisicamente re-elaborando a ideia de deus em três hipóstases, três substâncias e três realidades eternas: o Uno (Não é o conhecimento conforme defendia Platão e sim o Deus transcendente), a Inteligência (tendo o *Logos* como primogênito de deus e quem dá forma a realidade) e a Alma (É quem faz a mediação

Alexandria de Amônio Sacas, sistematicamente fundado na escola de Roma de Plotino e desenvolvido posteriormente em diversas escolas e tendências até o século VI d.C. Esta tripartição do ‘_platonismo’ é um indício da profunda diferença entre as posições filosóficas sustentadas no âmbito do platonismo imperial e as doutrinas originárias de Platão|| (SANTOS, Bento Silva. Notas. In: AGOSTINHO, Santo. *Contra os Acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*. Introdução e notas de Bento Silva Santos, tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. p. 21, nota 32).

¹⁶ Ammonius Saccas era filho de pais cristãos e rejeitara o Cristianismo de seus pais para seguir o Paganismo. Dessa forma, o neoplatonismo de Ammonius Saccas em nada se assemelha com o Neoplatonismo romano uma vez que Ammonius Saccas, em verdade, propôs o ecletismo religioso, e não aceitava o dogmatismo cristão.

¹⁷ “O Um, chamado freqüentemente também de “Bem”, “Deus” ou “Primeiro”, é o fundamento de todas as coisas, absolutamente simples e único: como causa universal de todas as coisas, infinitamente poderoso, ele é o princípio de que tudo emana e para o qual tudo deseja retornar”. (LINGUITI, 2010, p.106)

entre o mundo sensível e a inteligência, e procede da própria inteligência)¹⁸. Plotino também não aceitava existir a ideia de bem e mal opondo assim ao dualismo platônico e o maniqueísmo ao defender a ideia de que não há pólos negativos e positivos, mas iguais diante do Uno. Dessa forma, a visão plotiniana tem por finalidade uma teologia positiva e uma religião anti-maniqueísta.¹⁹

1.2 O pensamento agostiniano e suas contribuições

Proveniente deste mesmo século, originado em Tagaste no ano de 354, surge Agostinho em sua adolescência foi instruindo-se na região de *Madaura* tendo contato com o curso tradicional de educação liberal antiga, que tinha por disciplinas: clássicos latinos, retórica, lógica, geometria, música e matemática. Em sua juventude, Agostinho estudou em Cartago e lá, leu a obra *Hortensius*, de Cícero. “[...] o livro é uma exortação à filosofia e chama-se *Hortensius*. Devo dizer que ele transformou os meus sentimentos e o modo de me dirigir a ti; ele transformou minhas aspirações e desejos”²⁰. Ainda em Cartago, Agostinho deu continuidade aos seus estudos tornando-se professor de gramática.

A leitura de *Hortensius* instiga Agostinho a investigar a respeito dos critérios de verdade, aperfeiçoando sua filosofia, foi amadurecendo espiritualmente e ao longo dos anos, o filósofo tornou-se místico e contemplativo. Anterior a sua conversão ao Cristianismo, Agostinho sofreu desilusões com a bíblia, a mesma se deu pela simplicidade da escrita comparada - a com o modelo ciceroniano, e pelo desenvolvimento racional que ela produz. O

¹⁸ MADJAROF, Rosana. Plotino. Disponível em: <<http://www.mundodafilosofia.com.br/page22.html>> acesso em: 14.Jan.2014, 1997

¹⁹ Plotino influenciou diretamente a Santo Agostinho ao qual conseguira de Agostinho o abandono do maniqueísmo e a crítica agostiniana a ideia de bem e do mal.

²⁰ – Sed liber ille ipsius exhortationem continet ad philosophiam, et vocatur *Hortensius*. Ille vero liber mutavit affectum meum et ad te ipsum, Domine, mutavit preces meas, et vota ac desideria mea fecit alia. As citações em latim foram retiradas da edição bilingue: AGUSTIN, San. *Las Confessiones*. In: *Obras de San Agustín II*. 8.ed. Edición Crítica y Anotada por Angel Custodio Vega. Texto bilingüe, Madrid: BAC, 1991. A citação em português foi extraída da seguinte tradução brasileira: AGOSTINHO. S. *Confissões*. 1.ed. Introdução e notas de Roque Frangiotti e tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2008. p. 70.

filosofo tornou-se incapaz de compreender a simplicidade das escrituras, o orgulho e a soberba adentrou o seu coração.

E encontrei um livro que não se abre aos soberbos e que também não se revela às crianças; humilde no começo, mas que nos leva aos pícaros e está envolto em mistério, à medida que se vai à frente. Eu era incapaz de nele penetrar ou de baixar a cabeça à sua entrada. O que senti nessa época, diante das Escrituras, foi bem diferente do que agora afirmo. Tive a impressão de uma obra indigna de ser comparada à majestade de Cícero. Meu orgulho não podia suportar aquela simplicidade de estilo. Por outro lado, a agudeza de minha inteligência não conseguia penetrar-lhe o íntimo. Tal obra foi feita para acompanhar o crescimento dos pequenos, mas eu desdenhava fazer-me pequeno, e, no meu orgulho, sentia-me grande.²¹

Por volta de 373, Agostinho associou ao maniqueísmo um modo materialista de buscar a “Verdade” ao qual o dualismo racionalista não condizia com a realidade espiritual de mundo. Agostinho cujo seu conhecimento filosófico era muito além do maior representante maniqueísta de seu tempo – o Bispo Fausto de Milevo (ou Fausto, o Maniqueu) e sua incansável busca pela verdade percebeu que mesmo com todas as habilidades em retórica de Fausto, não encontrara respostas às suas dúvidas, principalmente por que o maniqueísmo ignorava o caráter espiritual da vida, exatamente sendo este a principal carência sábia de Agostinho.

Em 386, optado em buscar a “Verdade”, sendo ela Jesus o Cristo, Agostinho debruça-se a leitura das escrituras submetendo – se à simplicidade destas. “Persuadi-me de que devia crer mais

²¹ – Itaque institui animum intendere in scripturas sanctas et videre, quales essent. Et ecce video rem non confectam superbis neque nudatam pueris, sed incessu humilem, successu excelsam et velatam mysteriis, et non eram ego talis, ut intrare in eam possem aut inclinare cervicem ad eius gressus. Non enim sicut modo loquor, ita sensi, cum attendi ad illam scripturam, sed visa est mihi indigna, quam tullianae dignitati compararem. Tumor enim meus refugiebat modum eius et acies mea non penetrabat interiora eius. Verum tamen illa erat, quae cresceret cum parvulis, sed ego dedignabar esse parvulus et turgidus fastu mihi grandis videbar. A citação em português foi extraída da seguinte tradução brasileira: AGOSTINHO. *S. Confissões*. 3.ed. Introdução e notas de Roque Frangiotti e tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2008. p.71.

naqueles que ensinam do que nos emissores de ordens para crer”²². Alguns meses após sua conversão, o filósofo retirou-se em Cassiciaco, onde escreveu quatro obras: *Contra Acadêmicos*, *De beata vita*, *De Ordine e Soliloquia*. A filosofia cristã tem sua ascensão com Agostinho de Hipona no Norte da África, sua influência e elaboração foram de extrema importância para a consolidação da filosofia cristã, três são os aspectos fundamentais de sua contribuição: “Formulação da relação entre Teologia e Filosofia, entre fé e razão; a teoria do conhecimento com ênfase na questão da subjetividade e da interioridade e a teoria da história elaborada no monumental *Cidade de Deus*”²³.

2. O critério de verdade: estóicos e acadêmicos

Em um segundo momento deste artigo, será apresentado a expressão comum do termo critério, que esta atrelada a inabilidade do individuo quando defrontado a um infortúnio, sendo incapaz de corresponder ou solucionar o problema; o critério será o fundamento da equiparação e a partir desta permitirá ao individuo diferenciar o falso e o verdadeiro. O critério deve ser assimilado à via do conhecimento verdadeiro, esse percurso deve ser percorrido pelos peregrinos que almejam compreender o que é a verdade. O critério é um marco ou um pondo de partida. As indagações suscitadas neste momento estão associadas com a pergunta fundamental, ao que é um critério de verdade?

No esquema filosófico o termo critério adquiriu possíveis interpretações. Sendo uma delas à necessidade de posicionar-se diante de algo tido como imutável no sentido de ausência intencional (o *epokhé*²⁴ – suspensão de juízos) muito presente nos pensamentos

²² –[...] mihique persuasi docentibus potius quam iubentibus esse credendum [...]. Utilizamos aqui o texto latino da seguinte edição bilingue: *De la vida feliz*. In: *Obras de San Agustín I*. 6. ed. Preparado por Victorino Capánaga, Texto bilingüe. Madrid: BAC, 1991. A citação em português foi extraída da seguinte tradução brasileira: AGOSTINHO, S. *Soliloquios; A vida feliz*. 3.ed. Introdução e notas de Roque Frangiotti E. São Paulo: Paulus, 2007.p. 50.

²³ MARCONDES, Danilo. *Iniciação a Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 8.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 110 adaptado

²⁴ *Epokhé* denota a ideia da nulidade em relação a *doxa*. Em outras palavras “ suspensão de juízo é o estado da mente em que nem se rejeita e nem se admite coisa alguma” (ZANETTE, 2010, p.146) in: ZANETTE, Edgard Vinicius Cacho. O Ceticismo Pirrônico e a Classificação das Filosofias Possíveis. *Theoria* (Pouso Alegre), v. 2, p. 142-150, 2010. Disponível em:

estóico e nos primeiros acadêmicos. Quando dissertamos sobre a Verdade, nos deparamos com um labirinto teórico envolto à verdade, uma vez que sem uma intencionalidade racional ou sem um estímulo externo, não conseguimos definir nem a verdade e nem o critério como um todo.

O critério de verdade enquanto discussão filosófica atende ao que chamamos de disputas entre as escolas e correntes de pensamento. Mais parecem em detrimento de outras ou delas mesmas, nomearem-se como as que melhor soube definir o que é a verdade de acordo com as verdades próprias. Veremos a seguir de que maneira, o Estoicismo e o Ceticismo Acadêmico concebiam seus próprios critérios de verdade, ou ainda, os caminhos defendidos por cada um pela busca incessante pela verdade.

2.1. O critério de verdade estoico: a verdade enquanto veracidade

Sabe-se que o Estoicismo é uma corrente filosófica que ao defender *o epokhé*, ele nega o caráter espiritual transcendente e aporta-se exclusivamente no mundo sensível de modo que todas as coisas não derivam de um deus metafísico, mas de transformações e fenômenos vividos pelo homem tendo ele mesmo como fundamento argumentativo capaz de justificar também por ele mesmo suas origens, valores e crenças – princípio da corporeidade que transforma o imaterial em material enfatizando as ações práticas e aparentes e rejeitando as ações místicas e transcendentais.

Entretanto, ao distanciar-se da perspectiva metafísica, os estóicos aparentemente criam sua própria verdade a partir do corpo (não no sentido estrito da palavra, mas a partir do material) e essa verdade pode estar fadada aos fenômenos no mundo e suas vicissitudes. A verdade estóica baseia-se em um modelo estético que não contempla o algo além do que se vê, estaria talvez relacionada a uma visão de mundo sem especulações e crédula a tudo que acontece nesse mundo tal qual ele se apresenta.

Pela excessiva defesa do *epokhé*, os estóicos não admitem a existência pura da verdade ou que se haja uma verdade metafísica tal quanto deus como substância já que o próprio Zenôn atribuía a deus uma substância corpórea com tempos para tempos e findável à medida que esses tempos passassem. “Corpóreo é também Deus, o qual coincide com o princípio ativo do universo e é imanente ao

próprio universo²⁵. Ou seja, se partíssemos da concepção de universo estoíca, apenas o mundo justificaria sua própria existência e por ele o elemento fundacional estará condicionado à veracidade – uma maneira de “relativizar” a verdade metafísica, tirar dela seu caráter absoluto e exclusivo transformando-a em “representações”.

Com isso, o estoicismo seguiu à “cartilha” epicurista de negação do possível caráter espiritual, imaterial e supra-sensível da verdade e colocou a Natureza²⁶ como a verdade justificada e legitimada com isso, não era necessária pensar em certos “requisitos” transcendentais, mas ter no *lógos*²⁷ o próprio requisito, o próprio critério de verdade.²⁸

²⁵ REALE, Giovanni. *Estoicismo, Ceticismo e Ecletismo: História da Filosofia Grega e Romana*. vol.6. Tradução de Marcelo Perine, São Paulo: Loyola. 2011. p.08.

²⁶ O principal objetivo encontrado pelos estoicos era de ação em conformidade com a natureza (a *physis*) de modo a viver concomitantemente à natureza (*convenienter naturae vivere*). Essa conformidade é elemento integrante da natureza e assim como o homem que é ao mesmo tempo corpo e alma, deve como um sábio e o único ser vivo dotado de razão, estudar e consultar a natureza humana e universal para ter o conhecimento de seu fim (*Télos*) do qual a sua função será por ele assumida. Dessa forma, estando sempre em conformidade com a natureza, o homem também estaria submetido à ordem estruturadora da natureza e do universo em que tudo tem tal função no todo de ordem orgânica regido pelo *Lógos* (a lógica estruturadora do universo ou a Lei Divina).

²⁷ A complexidade encontrada no significado da palavra *Lógos* impede-nos de discorrer tal discussão conforme limitação expressa no artigo mas dentro do contexto científico ao qual este artigo está alocado, o *Lógos* pode ser entendido e traduzido como razão e para Raquel Gazolla, a razão ganha um sentido discursivo a um determinado argumento suspenso ou a ser defendido – o discurso argumentativo. Certamente, o *Lógos* entendido pelos estoicos pode não ganhar a conotação defendida pelos filósofos da *physis* tendo a natureza como uma lógica estruturadora do universo mas a palavra – entendida como discurso que dá nome às coisas e “estimula o pensamento e a reflexão sobre o objeto estudado pelos estoicos.

²⁸ Em tese, os estoicos elaboraram seu critério de verdade com base no tripé de sua própria Filosofia: Física, Ética e Lógica. No caso da lógica, os estoicos debruçaram-se mais na ideia de que pela retórica era possível buscar a *epokhé* e pela dialética sustentar a defesa do *epokhé* como requisito básico para a causa final (a *ataraxia*). “Os estoicos desenvolvem uma teoria semântica complexa, fundada no conceito de exprimível (*lekton*), e são os primeiros a se interessar pelos conteúdos dos enunciados e dos pensamentos enquanto tais.” (INWOOD, 2007, p.87). De certo modo, o critério de verdade buscava não apenas o aparente ou a primeira impressão e sim o significado de um objeto, ou o que podemos dizer do

Sendo assim, o critério de verdade para os estóicos é o *lógos*. Nessas condições, o “critério de verdade não é a mera sensação, mas a representação, e não qualquer representação, mas só a representação cataléptica²⁹ ou compreensiva³⁰.” E não implica apenas no ato puro de sentir (e é era essa a crítica estóica à verdade pelas vias espirituais) já que tal verdade seria “contaminada” pela subjetividade do indivíduo e essa subjetividade subordinaria a verdade à um elemento inspirado, e não um elemento inspirador, “Postula também um assentir, um consentir e um aprovar proveniente do *lógos* que está na nossa alma”.

Essa representação cataléptica ou compreensiva é um dos dois tipos de representação do qual acreditavam os estóicos e esse conceito de representação se assemelha ao conceito de substância: A representação compreensiva está presente na realidade e ela é imediatamente identificada e se apresenta como distinta. A representação não – compreensiva também está presente na realidade mas não pode ser absorvida e possui pouca ou quase nenhuma distinção. Sintetizando essas representações: A compreensiva habita no existente, é determinada e é procedente do existente, está conforme o próprio existente além de estar impregnado na alma do existente. A não – compreensiva está fora do plano material do existente, não é determinada e nem é procedida do existente e por fim, ela é oculta de tal forma a apresentar-se como nem clara e nem distinta.³¹

coração do objeto – sua essência mas não no sentido metafísico mas no que esse objeto pode exprimir como uma representação.

²⁹ É mister ressaltarmos dois tipos de representação compreendida pelos estóicos: A representação compreensiva ou representação cataléptica e a representação não compreensiva ou representação não cataléptica. A primeira remete a ideia de verdade essencial (ela provém de objetos existentes e a verdade encontrada nesses objetos baseia-se no próprio objeto como ele se apresenta; não há alterações e esse objeto é por si mesmo suficiente para gerar suas próprias verdades. Sem essas verdades, o objeto deixa de existir) e verdade acidental (ela provém de objetos inexistentes e a verdade encontrada nesses objetos não baseia-se no próprio objeto; Como esse objeto não existe, a verdade fica condicionada ao que se desejaria que esse objeto fosse, e não como ele se apresenta. Desse modo, o *Lógos* só daria assentimento a uma representação compreensiva.

³⁰ REALE, Giovanni. *Estoicismo, Ceticismo e Ecletismo: História da Filosofia Grega e Romana*. vol.6. Tradução de Marcelo Perine, São Paulo: Loyola. 2011. p.23.

³¹ “Os estóicos permaneceram convencidos de que existem percepções sensíveis confiáveis, que contêm seu próprio critério de verdade e que representam as coisas tais como elas são na realidade. Quando os sentidos

Tendo o *lógos* como base na busca pela verdade, os critérios de verdade dos estóicos necessitam o que nos diz Marcondes “estar de acordo com os princípios naturais, com harmonia do cosmo, que dá equilíbrio a todo o universo”³² e segundo os estóicos, a verdade se dá pelo caminho da felicidade quando o homem busca – a pela ataraxia. Logicamente que esse critério de verdade estóico recebeu pesadas críticas de Agostinho Hipona especialmente por demonstrar que o homem não está subordinado ao destino por necessidade, segue sua própria lógica desafiando e refutando o destino divino que lhe é dado. Tudo acontece por que deveria ter acontecido e é cabe ao homem aceitar passivamente, de modo mecânico e desprovido de sensações e emoções.

2.1. O critério de verdade dos acadêmicos: a verdade como verossimilhança

As reflexões sobre os critérios de verdade foi discutido na Grécia antiga, as disputas a cerca da temática citada envolvia diversas escolas em Atenas. O Acadêmico Arcesilau (nascido em Pitane mais ou menos em 315 a.C. e morto aproximadamente em 240 a.C. da inicio a um novo momento da Escola, apropriando-se parcialmente das argumentações de Timon e Pirro.) e o Estóico Zenão “digladiavam-se” através de controvérsias filosófica que giravam em torno do conhecimento verdadeiro.

Após a morte dos principais representantes das escolas filosóficas citadas, temos a ascensão do Acadêmico Carnéades e do Estóico Crisipo, os mesmos dão continuidade aos raciocínios proposto por seus mestres, essas meditações perpetuam-se através de outros filósofos até chegar a Marcus Aurélius Cícero que em sua obra *Acadêmica*, expõe os argumentos dos acadêmicos contra os estóicos. As intercessões realizadas por Cícero na obra supracitada á Academia de Arcesilau e Carnéades se dá através de argumentações, elas constituem a principal fonte do ceticismo acadêmico que Agostinho teve contato.

No ano de 272 a.C. , Arcesilau ficou a frente da Academia Cética e uma das principais características de Arcesilau foi sua profunda crítica ao Estoicismo no que diz respeito ao conceito de *representação compreensiva*. Arcesilau não aceitava a ideia de

fornecem uma representação, pode-se, bem entendido, examiná-la minuciosamente antes de declará-la verdadeira e dar a ela seu assentimento.” (INWOOD, 2007, p.88)

³² MARCONDES, Danilo. *Iniciação a Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 8.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 91.

existir elementos presentes na representação compreensiva estóica capaz de garantir o êxito na busca pela verdade uma vez que os estóicos “aparentemente” usavam-se da *epokhé* para suscitar qualquer tipo de dúvida possível. Sua crítica era exatamente pelos estóicos mostrarem-se como “céticos sem dúvidas” ou filósofos alheios e apáticos. Dessa forma, Arcesilau propôs a suspensão do assentimento para que pela via da dúvida (do pôr em dúvida), a verdade seja alcançada.

A construção das representações de acordo com Arcesilau desenvolvem-se também a partir de objetos existentes, “a crítica dos filósofos acadêmicos como Arcesilau se dirigia era contra a segurança absoluta com que os Estóicos apresentavam as representações compreensivas como critério de verdade”.³³ O âmago da crítica dos filósofos acadêmicos constituía-se em contrapor a qualquer alternativa de afirmações inquestionáveis e absolutas. As argumentações de Arcesilau dirigia-se ao encontro das teorias do próprio Zenon, a partir da premissa: *o sábio não deve ter opiniões*.

Contudo, as razões pelas quais ambos afirmam essa premissa são diferentes: para Zenão, por um lado, o sábio não deve opinar, pois deverá partir da análise, pela qual chegará à ciência, ou à evidência da verdade; por outro lado, para Arcesilau, o sábio, diante da impossibilidade de reconhecer um critério de certeza mediante o qual poderá discernir o erro da verdade, não deve opinar, mas suspender seu assentimento, ou seja, deverá suspender o juízo (*epochē*)³⁴

Desta forma, suspensão do assentimento proposta pelos estóicos ocorre exclusivamente a partir da representação, sendo ela não evidente. Para Arcesilau a representação é generalizada, de acordo com o filósofo em nenhum momento á evidência absoluta. A suspensão do assentimento associa-se ao ato de julgar, Arcesilau acredita em um raciocínio de que todas as coisas são incompreensíveis não podendo garantir ou contradizer coisa alguma.

Um dos pilares do raciocínio filosófico de Arcesilau é a *razoabilidade*, tendo como via de argumentação as representações *persuasivas*, *dissuasivas*, ou *mais ou menos persuasivas*. Para

³³ SIMÕES, Edilezia Freire, O critério da verdade no Contra Academicos, de Agostinho / 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais gosto de 2012, p.78.

³⁴ Ibid., p.79.

Arceila, representação alguma “[...] pode ser tão segura a ponto de o sábio poder aderir a ela com total garantia é razão suficiente para que as representações *persuasivas* ou *dissuasivas*, em sua pureza, não sejam reconhecidas como tais”³⁵.

Assim sendo, no momento em que os acadêmicos se opõem contra o raciocínio filosófico estoico asseguram que o indivíduo pode apenas aprovar às representações prováveis; desta maneira contradiziam a possibilidade de verdades absolutas e não creditava a mesma um possível conhecimento pleno a cerca da verdade almejada. Independentemente de contradições ambos não aceitam seguir representações incertas. “Desse modo, quando Cícero, em sua *Acadêmica*, se coloca do lado dos Acadêmicos ao descrever a oposição entre estes e os Estoicos, posiciona-se contra as pretensões dogmáticas estoicas”³⁶

É notório acreditarmos que do ponto de vista estoico, os critérios para a busca da verdade tornam-se contraditórios e obsoletos. A profunda crença no sensível é ao mesmo tempo superficial (apesar dos esforços destes filósofos em “tabular” formas de aprofundar o conhecimento de um determinado objeto) e antagônico uma vez que tal dialética presente nos conceitos de representações compreensível e não compreensível é suprimida pela *epokhé* e não parte do ponto de vista subjetivo.

Nessas condições, não é possível buscar a verdade já que para buscar uma verdade, é necessário negar as duas (a que se busca e a que se tem como ponto de partida) e neste arcabouço, a verdade nada mais seria que meras representações abstratas da realidade, ao mesmo tempo em que essas representações satisfariam a busca pela verdade superficial ignorando a complexidade presente em tal verdade estudada. Sendo assim, seria uma maneira de incentivo à manutenção do estado de apatia e do contentamento com o aparente, limitando-se ao que se aparece e não transcendendo o objeto (o ir mais além do objeto).

3. Contra os acadêmicos: uma Hermenêutica das refutações de Agostinho ao ceticismo acadêmico

Nesta parte do artigo, será apresentado e analisado alguns conceitos da filosofia dos acadêmicos, a saber, ataraxia e verossimilhança. Neste sentido, será apontado algumas refutações de Agostinho, do modo no qual se busca a ataraxia e a maneira como esta é alcançada na filosofia dos acadêmicos. O platonismo

³⁵ Ibid., p. 80.

³⁶ Ibid., p. 120.

latino de Agostinho também critica como os acadêmicos lidam com a verdade enquanto um critério de busca, essa crítica será proposta para reflexão nas linhas abaixo.

3.1. A ataraxia

Agostinho em suas refutações ao Ceticismo Acadêmico alocou-as mais potencialmente à Segunda Academia (aprox. 266 a. C) representada por Arcesilau acusando-o de apenas de “plagiar” os fundamentos filosóficos da Primeira Academia (aprox.. 384-383 a. C) sem alterar nada no estatuto original, inclusive os conceitos de verdade, ataraxia e *epoché*.

Agostinho por sua vez critica o modo do qual se busca a ataraxia e a maneira como esta é alcançada. É sabido que os acadêmicos adotavam princípios estóicos / epicuristas de buscar-se a verdade: Suspende-se todos os juízos de valor colocando em xeque qualquer tipo de opinião própria (*doxa*) do filósofo e busca-se a verdade por meio da paz interior de si e através dela alcançar-se a sabedoria. Esta paz da alma chamar-se-ia por ataraxia.

No entanto, Agostinho entende ser impossível esse processo dadas as condições de causa e efeito na busca da ataraxia. O que os acadêmicos na realidade propunham era uma ataraxia sem fundamentos sólidos de busca – a apatia, o desprezo e a quase mortificação do filósofo ao mundo do qual o rodeava, extraindo-se apenas deste mundo físico, todas as ações que proporcionavam a satisfação do corpo e em último plano a metafísica – Os acadêmicos acreditavam que a sabedoria era a chave para a busca pela ataraxia, mas na realidade, houve uma inversão na lógica metafísica colocando a sabedoria acima da verdade e não igualando – a como uma virtude constituinte de um processo dual – Alcança-se a verdade pela sabedoria sem hierarquizar ou subordinar um ao outro.

Agostinho por sua vez, já define que a sabedoria e a verdade são propriedades divinas e que ambas advêm de Deus como fonte de todo o saber. A verdade seria como uma inspiração da sabedoria sem a possibilidade de buscá-la por outro meio – Deus como bem comum e fim alcançável. Portanto, ataraxia acadêmica só é possível nas condições agostinianas se o filósofo ao invés de suspender seus juízos de valor, suspender seus vínculos corpóreos ou negar tal excesso de confiança depositada no mundo material como fonte de critérios para a verdade.

3.2. Verossimilhança

Outro muito importante na crítica agostiniana aos acadêmicos está no modo com que eles lidam com a verdade enquanto um critério de busca. Agostinho coloca em xeque a verdade acadêmica não passava de um espectro da realidade corpórea e esse espectro assim como uma ilusão e uma paixão, é temporal e não se sustentam em fundamentos possíveis. Seria uma realidade idealizada e personalizada em contradição à realidade posta ou a realidade como ela é. Em direção esse argumento, Agostinho propõe o seguinte exemplo: “Se alguém, ao ver teu irmão, afirma que ele é semelhante ao teu pai, que não conhece não te parece que tal pessoa é louca ou tola?”³⁷

Nesse ponto, Agostinho sugere sua crítica também a Platão dado que a realidade de certo modo, não passa pelo mundo das idéias por ser as idéias apenas conceitos do mundo material e esse distanciamento do mundo material na realidade escondia o medo pelo sensível rebaixando tudo às meras paixões todo tipo de contato ao mundo externo do homem, Segundo Agostinho “A própria evidência clama que de maneira semelhante devemos rir dos teus Acadêmicos, que afirmam seguir na vida o que se assemelha à verdade, quando ignoram a própria verdade”³⁸ e esta diferença vista por Agostinho está presente na forma como é encarada a verdade pela ótica agostiniana:

a) A verossimilidade³⁹ seria uma verdade material, corpórea, temporal e condicional

³⁷ – Si insanus aut ineptus videbitur? (A citação em português foi extraídas da seguinte tradução brasileira: AGOSTINHO, S. *Contra os acadêmicos; A ordem; A Grandeza da Alma; O mestre*. 3.ed. de Bento Silva Santos, tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. p. 84.

³⁸ – Ipsa res clamat similiter ridendos esse Academicos tuos, qui se in vita veri similitudinem sequi dicunt, cum ipsum verum quid sit ignorent. A citação em português foi extraídas da seguinte tradução brasileira: AGOSTINHO, S. *Contra os acadêmicos; A ordem; A Grandeza da Alma; O mestre*. 3.ed. de Bento Silva Santos, tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008.p. 88.

³⁹ “Os Acadêmicos chamam provável ou verossímil o que nos pode mover a agir sem assentimento. Quando digo sem assentimento quero dizer de tal modo que sem ter por verdadeiro o que fazemos e julgando ignorar a verdade, não deixamos de agir. Por exemplo, se na noite passada, com o céu tão desanuviado e puro, alguém nos perguntasse se hoje nasceria um sol tão radioso, creio que teríamos respondido: não sabemos, mas parece que sim. Tal me parece ser, diz o Acadêmico, tudo o que julguei dever chamar provável ou verossímil”. – probabile vel veri simile Academici vocant, quod nos ad agendum sine adensione potest invitare. Sine

(depende de um acontecimento ou um dado acidente para se consolidar como uma “verdade”) cuja ligação dos fatos por meio de uma lógica interpretativa ou compreensiva e se finalizará no processo de apreensão dos fundamentos necessários por meio das ações humanas em sua totalidade. O *epoché* seria necessário para justificar inclusive ações que Agostinho condena como mundana e ímpia como os prazeres do corpo (a embriaguez, as festas profanas, a liberdade excessiva do corpo...), o individualismo no sentido de exaltar-se mais a si mesmo e mortificar o outro.

b) A verdade seria a ponte, o caminho necessário para o homem buscar a Deus por sua benemerência. Nesse caso, Agostinho entende que a verdade não seria em si uma via de caminho assim como a sabedoria, mas seria o fim alcançável do qual sem a verdade ou seja, sem Deus, não há o que digamos existência humana. O homem sem Deus para Agostinho, passa pelo mundo em busca da verdade sem sequer saber qual verdade o governa. Assim, busca-se a Deus como substância única própria da verdade e da sabedoria tendo Deus como razão única para todos os sentidos da vida tornando – a absoluta.

Assim mesmo, Agostinho entende que os acadêmicos tinham por objetivo não o compromisso fidedigno com a verdade, mas a de buscar realizações pessoais cujo o principal foco era a fama ou a boa reputação por parte da Academia, Trigédio diz: “A preocupação dos Acadêmicos parece-me muito diferente da tolice do homem de que falastes. Pois é através de raciocínios que eles chegam ao que dizem ser verossímil, enquanto aquele insensato seguia a fama, cuja autoridade é a coisa mais desprezível”⁴⁰.

adsensione autem dico, ut id quod agimus non opinemur verum esse aut nos id scire arbitremur, agamus tamen: ut verbi causa, utrum hesternae nocte tam liquida ac pura hodie tam laetus sol exorturus esset, si nos quispiam rogaret, credo, quod nos id scire negaremus, diceremus tamen ita videri. Talia, inquit Academicus, mihi videntur omnia, quae probabilia vel veri similia putavinominanda [...] A citação em português foi extraída da seguinte tradução brasileira: AGOSTINHO, S. *Contra os acadêmicos; A ordem; A Grandeza da Alma; O mestre*. 3.ed. de Bento Silva Santos, tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008.p. 79-80.

⁴⁰ Tum Trygetius: — Longe mihi, inquit, videtur dissimilis Academicorum cautio ab huius quem descripsisti ineptia. lili enim rationibus assequuntur quod dicunt esse verisimile: iste autem ineptus famam secutus est, cuius

Dessa forma, tal panteísmo visto em alguns acadêmicos escondia a inconsistência argumentativa no ato de se buscar a verdade. Agostinho acredita que os acadêmicos mais estavam preocupados em proclamarem-se independentes ao ponto suporem alterar seus próprios destinos levando ao erro de ignorar a verdade enquanto Deus e distorcendo inclusive o modo de conceber a Filosofia ao qual Agostinho afirma ser a Filocalia.

Entende-se por Filocalia um amor ligado e apegado aos prazeres mundanos, a manutenção do status quo do sujeito e desprendida de forças espirituais para romper barreiras e limites impostas ao caminho da liberdade por meio do livre arbítrio. Nessas condições, os acadêmicos seriam incluídos em uma lógica filocalia atribuída às paixões, a atitude irracional já que seria necessário o *epoché* além de apegarem-se seguramente ao estético. Para Agostinho:

Isso é o que vulgarmente se chama filocalia. Não desprezes o termo por causa do seu uso comum. Pois filocalia e filosofia são quase sinônimos e querem parecer termos da mesma família e de fato o são. Pois, o que é filosofia? O amor da sabedoria. Que é filocalia? O amor à beleza. Pergunta aos gregos. E o que é a sabedoria? Por acaso não é a verdadeira beleza? Portanto a filosofia e a filocalia são irmãs, filhas do mesmo pai. Mas a filocalia, arrancada do seu céu pelo engodo da volúpia e presa na gaiola do vulgar, conservou, todavia a semelhança do nome para advertir o passarinho a não desprezá-la. Sua irmã, que voa livremente, muitas vezes a reconhece, ainda que sem asas, suja e miserável, mas raramente a liberta, pois a filocalia não conhece sua origem, a filosofia sim. ⁴¹

aucloritate nihil est viiui. A citação em português foi extraída da seguinte tradução brasileira: AGOSTINHO, S. *Contra os acadêmicos; A ordem; A Grandeza da Alma; O mestre*. 3.ed. de Bento Silva Santos, tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008.p. 88.

⁴¹ – *Philocalia* ista vulgo dicitur. Ne contemnas nomen hoc ex vulgi nomine: nam philocalia et philosophia prope similiter cognominatae sunt, et quasi gentiles inter se videri volunt, et sunt. Quid est enim philosophia? Amor sapientiae. Quid philocalia? Amor pulchritudinis. Quare de Graecis. Quid ergo sapientia? nonne ipsa vera est pulchritudo? Germanae igitur istae sunt prorsus, et eodem párente procreatae: sed illa visco libidinis detracta cáelo suo, et inclusa cavea populan, viciniam tamen nominis tenuit, ad commonendum aucupem ne se contemnat. Hanc igitur sine pennis sordidatam et egentem volitans libere sóror saepe agnoscit, sed raro

Agostinho entende que a impossibilidade do conhecimento como critério de busca também está associado ao desprendimento com a verdade por parte dos acadêmicos. Os acadêmicos são criticados por Agostinho por não apresentarem fundamentos sólidos que legitimem a ausência de posicionamento (ceticismo) e por que os próprios acadêmicos caem em contradição daquilo que é próprio de sua defesa argumentativa: o *epoché* “Se há certeza do absoluto desconhecimento, como é possível sistematizar o conhecimento? Em outras palavras, de qual conhecimento fora fonte da estruturação do sistema empírico do conhecimento?”⁴²

Ou seja, como é possível os acadêmicos desenvolverem seu próprio sistema de pensamento se eles mesmos colocam – se avessos à *doxa* própria? Agostinho entende existir tal *epoché* já que ele mesmo se trata de um posicionamento e essa suspensão de valores é uma tentativa frustrada de separar verdade e sabedoria isolando – as. Os acadêmicos defendem a ideia de não haver bases de valor quanto à necessidade de seu próprio posicionamento diante da verdade e não deveria tais bases existir nas estruturas do pensamento acadêmico. Assim, Agostinho define o academicismo / ceticismo como uma filosofia nula, desprovida de sentidos e sem um foco definido. Ao levantar inúmeras suspeitas sem elucidá-las, os acadêmicos caem em contradição por pregarem a imparcialidade sem buscar os fins para os fins diversos para essas suspeitas.

Considerações finais

Diante do exposto, o objetivo deste artigo foi apresentar a crítica de Agostinho de Hipona aos escritos de verdade dos filósofos da academia do período helenístico. Foram apresentados alguns conceitos sobre o verdade, verossimilhança, veracidade, e sua importância no espaço geográfico e sócio-cosmológico no universo *grego*, bem como o lugar que têm essas refutações e na nos escritos

liberat: non enim philocalia ista unde Kenus ducat agnoscit, nisi philosophia. (AGOSTINHO, *Contra Academicos*, II,7) A citação em português foi extraída da seguinte tradução brasileira: AGOSTINHO, S. *Contra os acadêmicos; A ordem; A Grandeza da Alma; O mestre*. 3.ed. de Bento Silva Santos, tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008.p. 75-76.

⁴²AGOSTINHO, *Contra os Acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma*, . Introdução e notas de Bento Silva, Tradução Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. p17.

de Agostinho, na qualidade de elementos da manifestação de sua teoria do conhecimento. Depreendemos que sua refutação, juntamente com sua proposta de critério de verdade alcança significação a partir da compreensão das origens do seu pensamento e as influências (cristianismo) que construíram e ressignificaram sua visão de mundo.

Para Agostinho nos escrito *A vida feliz*, a felicidade fundamenta-se no pleno conhecimento de Deus. Com base nessa premissa, ele acredita que a felicidade não se fundamenta na posse ou no gozo de bens materiais, o filósofo crer que só na posse ou gozo do perfeito, imutável e imaterial o homem alcança a felicidade, a saber Deus. Segundo ele, a verdade se fundamenta em Deus, sendo ela o próprio Deus, e busca pela felicidade plena encerra na eternidade, quando o homem conhece esse ser perfeito, o sumo bem.

Agostinho por sua vez critica o modo do qual se busca a verdade e a maneira como esta é alcançada. É sabido que os acadêmicos adotavam princípios estóicos / epicuristas de buscar-se a verdade. Assim mesmo, Agostinho entende que os acadêmicos tinham por objetivo não o compromisso fidedigno com a verdade, mas a de buscar realizações pessoais cujo o principal foco era a fama ou a boa reputação por parte da Academia. Apresentou-se, nesta pesquisa uma leitura introdutória dos textos, servindo de base para aprofundamentos futuros dos estudos do pensamento agostiniano, a partir de uma abordagem filosófica centrada na dimensão de pertinência metafísica.

Referências

AGOSTINHO. *Contra os Acadêmicos*, A ordem, A grandeza da alma, O mestre / Santo Agostinho. Introdução e notas de Bento Silva, Tradução Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. *O Livre-Arbítrio* / Santo Agostinho. Introdução e notas de Nair Assis de Oliveira, Tradução Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. *Soliloquios e Vida feliz* / Santo Agostinho. Introdução e notas de Roque Frangiotti, Tradução Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *Confissões* / Santo Agostinho. Introdução e notas de Roque Frangiotti, Tradução Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *Contra los Academicos*. In: _____. Obra de San Agostin III. Ed. Traducción y notas Victorino Capanaga. Texto Bilingue. Madrid: BAC, S.A. 1991.

_____. *Contra los Academicos*. Introducción de Jaime Gracia Álvarez traducción Julio Gracia Álvarez y Jaime García Álvarez. Texto Bilingue. Madrid: Encuentros, S.A, 2009.

_____. *De La vida feliz*. In: _____. Obras de San Agustín I. 6.ed. Preparado por Victorino Capánaga, Texto Bilingue. Madri: BAC, 1994.

_____. *Los Soliloquios*. In: _____. Obras de San Agustín I. 6 .ed. Preparado por Victorino Capánaga, Texto Bilingue. Madri: BAC, 1994.

_____. *Las Confesiones*. In: _____. Obras de San Agustín II. 8 .ed. Edición crítica e anotada por Angel Custodio Vega , Texto Bilingue. Madri: BAC, 1991

ARRIANO. Trad. de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

EMPÍRICO, Sexto. *Hipotiposes Pirrônicas*, Livro I, Tradução de Danilo Marcondes, Revista: O que nos faz pensar, Página 117, nº 12, 1997.

LAÉRCIO, L. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: UnB, 1988.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação a Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 8.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MADJAROF, Rosana. *Plotino*. Disponível em: < <http://www.mundodafilosofia.com.br/page22.html> > acesso em: 14.Jun.2014, 2016

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. 7. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.

REALE, Giovanni. *Estoicismo, Ceticismo e Ecletismo: História da Filosofia Grega e Romana*. vol.6. Tradução de Marcelo Perine, São Paulo: Loyola. 2011.

SANTOS, Bento Silva. Notas. In: AGOSTINHO, Santo. *Contra os Acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*.

Introdução e notas de Bento Silva Santos, tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008

SIMÕES, Edilezia Freire. *O critério da verdade no Contra Academicos*, de Agostinho / 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais gosto de 2012.

ZANETTE. Edgard Vinicius Cacho . *O Ceticismo Pirrônico e a Classificação das Filosofias Possíveis*. *Theoria* (Pouso Alegre), v. 2, p. 142-150, 2010. Disponível em: <http://www.theoria.com.br/edicao0510/o_ceticismo_pirronico.pdf > acesso em: 13.Mar.2015